

Projeto “Meu Shakespeare”: uma intervenção intermidiática

Valdinei Pedro Sales Vieira¹
Erika Viviane Costa Vieira²

¹Bolsista de Extensão e Iniciação Científica, Graduado em Letras: Português/Inglês pela UFVJM. Email: pedro.0688@yahoo.com.br.

²Orientadora, Doutora em Letras, Professora de Inglês e Literaturas de Expressão Inglesa na UFVJM, email: erika.vieira@ufvjm.edu.br.

RESUMO

A influência de Shakespeare na literatura ocidental destacou-se em 2014, sobretudo pela comemoração dos 450 anos do seu nascimento. Entretanto, suas obras originais distanciam-se do público de hoje devido ao contexto histórico e linguístico. Por isso, as adaptações promovem a crítica cultural, a discussão de pressupostos etnocêntricos e o diálogo com as produções das indústrias culturais, cinematográfica e editorial. Assim, o principal objetivo do projeto “Meu Shakespeare” foi oferecer intervenções educativas com oficinas de adaptações da peça *Romeu e Julieta* (SHAKESPEARE, 2012) para histórias em quadrinhos (HQs) para alunos do ensino médio.

Palavras-chave: Shakespeare; Intermedialidade; Quadrinhos.

Project “My Shakespeare”: an intermediatic intervention

ABSTRACT

The influence of Shakespeare in Western literature stood out in 2014, especially by the celebration of his 450th birthday. However, his original works distance themselves from today's public due to historical and linguistic context. Therefore, adaptations promote cultural criticism, discussion of ethnocentric assumptions and dialogue with the cultural productions, film and publishing industries. Thus, the main objective of the project "Meu Shakespeare" was to provide educational interventions with workshops adaptations of the play *Romeo and Juliet* (SHAKESPEARE, 2012) to comic books for high school students.

Keywords: Shakespeare; Intermediality; Comics.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de formar leitores críticos de Histórias em Quadrinhos (HQs) e promover o letramento literário, o projeto de extensão “Meu Shakespeare” ofereceu intervenções educativas com oficinas de adaptações da peça *Romeu e Julieta* (SHAKESPEARE, 2012) para HQs para alunos do ensino médio de uma escola pública da cidade de Diamantina, MG. Neste artigo, pretendemos analisar algumas produções feitas, apontando as relações existentes entre a peça de teatro Shakespeareana e as HQs personalizadas.

As primeiras intervenções foram realizadas em uma Escola Estadual, nas séries dos 2º Anos do Ensino Médio. Com base em suas próprias vivências de mundo, os alunos fizeram uma adaptação da peça teatral *Romeu e Julieta* (SHAKESPEARE, 2012.) para HQs. Portanto, além de despertar a criatividade dos alunos, as oficinas ofereceram uma oportunidade para o desenvolvimento das habilidades de escrita, de interpretação e de criação imagética (desenho). A abordagem de HQs em sala de aula também contribuiu para que os alunos compreendessem os elementos que compõem este gênero de forma participativa, ativa e prática.

As abordagens em sala de aula foram realizadas em quatro etapas básicas: 1 – Introdução da literatura Shakespeariana; 2 – Ensino de pré-requisitos básicos para criação de uma HQ; 3 – Adaptação de um texto de Shakespeare para uma HQ; 4 – Produção final da HQ.

De acordo com Gaudreault e Marion (2012), o potencial midiático narrativo intrínseco (HQs) serve de base para os conteúdos midiáticos narrativos extrínsecos (a peça), ou seja, muitos dos elementos utilizados na produção da HQ recorrem ao texto “fonte”, fazendo com que certa proximidade seja mantida entre ambos. Deste modo, o projeto trabalhou diretamente com o conceito de adaptação, no qual uma mídia específica, ao fluir para outra, sofre perda de alguns elementos, revelando o caráter principal da adaptação midiática (GAUDREAUULT e MARION, 2012, p.124). Além disso, o projeto adequou-se às diretrizes preconizadas pelos PCNs (BRASIL, 1998) ao colocar o estudante como um adaptador de textos literários para HQs, promovendo o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, abordando os gêneros textuais e ensinando técnicas de desenho e estrutura textual para HQs.

Por que Shakespeare?

Trabalhar com clássicos literários não é tarefa fácil nos dias atuais, porque “as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida” (CALVINO, 1993, p. 10). Outro fator que agrava o desinteresse por esse tipo de leitura é o tempo. Como aponta Calvino (1993), o nosso ritmo de vida, além de nos esmagar com uma avalanche de papel impresso, não oferece comodidade para a leitura prazerosa, ou seja, aquela destituída de segundos interesses, como por exemplo, realizada para produzir uma publicação a respeito de determinada obra. Contudo, afirma o autor, a escola tem o dever de instrumentalizar seus alunos com um número mínimo de leituras clássicas para que, no futuro, esses mesmos alunos possam fazer suas escolhas (CALVINO, 1993, p. 15).

Estando em acordo com essas considerações, o projeto “Meu Shakespeare” objetivou introduzir a literatura shakespeariana no contexto escolar. A questão a ser pensada era como aproximar o público jovem de uma obra escrita no século XVI, no caso, *Romeu e Julieta*. A adaptação surgiu como uma alternativa particularmente interessante. O objetivo não foi substituir a leitura da obra original pela adaptada, mas introduzir a obra de Shakespeare para o público jovem, torná-lo palatável e aguçar a curiosidade deste público para a leitura deste texto.

Considerado um dos maiores dramaturgos da história, Shakespeare tem seus textos e obras adaptados para teatro, cinema, televisão, literatura, e até mesmo quadrinhos. Enquanto alguns críticos entendem esse processo como uma descaracterização das obras

originais, outros compreendem que a adaptação é um fenômeno natural e autônomo pelo qual passa qualquer criação midiática. Incluindo aqui o próprio Shakespeare que, com base na teoria da adaptação de Linda Hutcheon (2006), também pode ser considerado um adaptador de textos em sua época. Como afirma Jill Levenson (LEVENSON, 2000 *apud* O'SHEA e GUIMARÃES, 2007, p.129), antes de Shakespeare escrever *Romeu e Julieta* a história trágica dos amantes de Verona já se apresentava nas novelas italianas do século XV de Matteo Bandello (1554), fonte imediata de Shakespeare. Levenson acrescenta que:

Ao escrever o texto de sua peça, Shakespeare dramatizou e encenou uma história que já era conhecida na Inglaterra havia pelo menos trinta anos. (...) Embora Shakespeare tenha mantido os eventos principais do poema de Brooke, algumas personagens secundárias, como Mercúrio, Teobaldo e a Ama, ganham proeminência em seu texto. (LEVENSON, 2000 *apud* O'SHEA e GUIMARÃES, 2007, p. 129-131).

Segundo Linda Hutcheon (2006), a adaptação é um fenômeno imerso na criação de uma pintura, de um poema, de uma ópera, de uma música, de uma dança etc.. Porém, para a autora, esse fenômeno se acentua com a chegada da pós-modernidade, considerando que temos vários materiais à nossa disposição. Ou seja, o processo de criação ganha influências não somente do rádio, da televisão, do filme ou das mídias digitais, mas também alcança os parques temáticos, as encenações históricas e as experiências de realidade virtual (HUTCHEON, 2006, p. xi).

Pelo projeto, reiteramos que adaptar um texto de Shakespeare para uma HQ, além de ser uma prática paralela às apropriações de suas obras, pode ser um meio conveniente e agradável de ajudar os alunos a compreenderem que a cultura ou influências da época moldam a compreensão do texto. Além disso, se usadas com imaginação e de modo mais aprofundado, as HQs podem ajudar os estudantes a reconhecerem problemas críticos e preocupações teóricas (PERRET, 2004, p. 91).

O que são HQs

História em quadrinho não é literatura, não é pintura, não é desenho. Há duas vertentes sobre o que são quadrinhos. A primeira defende que quadrinhos são, basicamente, imagens + palavras, observando que a palavra nem sempre aparece. A segunda vertente, defendida por Will Eisner (EISNER, 2010), ressalta que quadrinhos são imagens sequenciais. A questão levantada a partir dessas duas ideologias é: para ser considerado quadrinho tem de haver sequência? Neste caso podemos considerar que a ideia de sequência está atrelada aos elementos tempo-espço. Entretanto, como o objetivo deste trabalho não se refere a discussões mais profundas sobre esses aspectos utilizaremos a seguinte definição: quadrinhos são imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada, bem como justaposição de imagens e palavras (MODENESI e PAIVA, 2013, p. 9-10).

Dentro da perspectiva da intermedialidade³ o fenômeno que ocorre nos quadrinhos se refere à combinação de mídias, ou seja, quando duas ou mais mídias mesclam seus elementos para formar um terceiro gênero midiático distinto (RAJEWSKY, 2012, p. 58-60). Em se tratando das HQs, por exemplo, temos a junção de imagem e fala em sua

³O termo intermedialidade bem como sua explicação é retomado no tópico "A análise".

composição, que são elementos distintos, mas complementares. Entretanto, lembramos que a composição pode ser dada apenas com imagens em sequência, visto que a ausência da fala não restringe a significação desse gênero.

Embora essas respostas nos direcionem, notamos que o conceito de HQ se tornou complexo e de difícil delimitação na mesma velocidade em que o formato tradicional se expandiu em vários subgêneros, tais como as tirinhas, as *graphic novel*, os mangás, os *cartoons*, as charges etc.

A história das HQs

Em um breve histórico podemos ver que o surgimento das HQs aconteceu oficialmente no séc. XIX com a introdução de balões de fala nos personagens e a sequência de imagens. Embora alguns defendam que, bem antes disso, as pinturas rupestres fossem uma das primeiras formas de HQs, elas não apresentavam elementos que aqui, por exemplo, consideramos básicos, como balões de fala ou mesmo a sequência de imagens.

Em 1896 foi lançada “The yellow kid”, a primeira HQ com fala em primeira pessoa, ou seja, o personagem principal tinha sua voz impressa em sua roupa, o que evoluiu para os balões de fala atuais. Após essa época, as HQ tornaram-se uma forma de arte e comunicação de massa que se expandiu rápido.

Contrariando essa expansão, após a Segunda Guerra Mundial até meados de 1970, o Dr. Frederick Wertham, no livro “Sedução do inocente”, fez com que os quadrinhos fossem censurados, pois, segundo ele, as HQs influenciavam negativamente na escola sexual, bem como no desenvolvimento das crianças e jovens (*apud* JARCEM, 2007, p. 5-6). Nesse período, as vendas caíram e as publicações passaram a ser monótonas e cheias de explicações, para não ferir a moral da sociedade.

Atualmente, essas acusações são insustentáveis. As HQs são livres para discutir temas como terrorismo, guerras, preconceitos raciais, homossexualidade etc. Outro diferencial é que as HQs modernas são humanizadas: apresentam super-heróis com características psicológicas, com dúvidas, fraquezas, angústias e isso os aproxima dos leitores igualmente frustrados e complexos. Acompanhando as mudanças sociais, as HQs atendem ao mercado lucrativo além de ser uma forma de comunicação e arte.

No Brasil, o espaço destinado às HQs deixou de ser somente o da diversão alcançando também a função pedagógica. Como consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o trabalho com os gêneros textuais permite que o aluno “utilize com propriedade e desenvoltura os padrões da escrita em função das exigências do gênero e das condições de produção” (BRASIL- PCN, 1998, p. 51-52). Se por um lado, essa inclusão das HQs nos PCNs é vista como um incentivo à leitura, por outro lado, pode revelar o porquê da expansão desse tipo de publicação na última década. Os investimentos do governo para compra do gênero, pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE, fez com que várias editoras investissem em livros cada vez mais elaborados, valorizando adaptações de grandes clássicos da literatura brasileira para o público jovem e adulto (RAMOS, 2014, p. 29).

Quadro 1. Informações, fontes e instrumentos utilizados para o cálculo do alcance.

A análise

A partir deste ponto, podemos retomar nosso objetivo, ou seja, iniciar a análise das adaptações de *Romeu e Julieta* feita pelos alunos do ensino médio. Mas, primeiramente, devemos atentar para alguns conceitos importantes, a saber: as adaptações passam pelos processos de transposição midiática e de proximização para adequar-se à nova mídia (HQ). Deste modo, realizou-se a análise à luz do conceito de transposição como apontado por Rajewsky (2012, p. 24-25), ou seja, entendemos a transposição midiática como a transformação de um produto de mídia em outra mídia, como por exemplo, a adaptação de um texto literário em HQ. Ao passo que a proximização, como discutida por Julie Sanders (2006) e desenvolvida por Gérard Genette em *Palimpsests*, trata da aproximação do texto ao contexto do público alvo, em seus aspectos sociais, históricos, culturais, temporais ou espaciais (JULIE SANDERS, 2006, p. 20 *apud* GENETTE, 1997, p. 304).

Para delimitar a análise faremos um recorte da peça teatral em quatro partes: o prólogo, a cena do balcão, o casamento e o desfecho. Em seguida, iremos contrastar com as respectivas cenas adaptadas de três HQs (nomeadas A, B e C) produzidas pelos alunos.

O Prólogo

Na peça teatral, o prólogo aparece com a finalidade de oferecer ao leitor elementos precedentes ou elucidativos da trama que vai se desenrolar. As palavras “rixa”, “intriga”, “morte”, “inimigas” denotam o caráter dramático da narrativa.

Duas casas, duas famílias com a mesma dignidade na aprazível Verona, onde se desenrola esta história, que parte de **antigas rixas** e chega a um novo **motim**, quando **sangue civil mancha mãos civis**. Pois, da prole dessas duas casas, **inimigas fatais**, um casal de amantes traídos pelo destino toma sua própria vida; seus desafortunados gestos, dignos de nossa pena, resultam em que, com sua morte, enterra-se também a luta de seus pais. **A terrível história de seu amor**, marcado pela morte, e a permanência do **ódio de seus pais**, que tão somente teve um basta com o **trágico fim** de seus filhos, constituem o que passa a narrar agora neste palco, por duas horas. Esta peça, se ouvida com paciência, tentará, com nosso esforço, prover-lhe todos os detalhes (SHAKESPEARE, 2012, p.11).



Figura 1. texto A – primeiro quadrinho.

Na adaptação (Fig. 1), a aluna usou como recurso o recordatório para introduzir essas características principais que direcionam a história, ou seja, o conflito entre as famílias “rivais”. As imagens das duas casas separadas pelas árvores, em estilos e cores diferentes, também foi uma tentativa de reproduzir o distanciamento entre os moradores.



Figura 2. texto B – primeiro quadrinho.

Utilizando o recuso da imagem apenas como elemento ilustrativo, a segunda HQ (Fig. 2) apresenta o recordatório para situar o leitor sobre o contexto da história. Podemos considerar que os personagens aparecem em *close-up*, ou seja, talvez sem intencionalidade, o aluno utilizou um enquadramento especial para capturar uma cena da realidade de modo que o olhar dos personagens ganhasse maior destaque, evidenciando-se, assim, a paixão imediata sentida pelos dois personagens.



Figura 3. texto C – primeiro quadrinho.

Na terceira HQ (Fig. 3) o desenho reforça a ideia apresentada no recordatório. Considerando-se que a espacialidade é descrita como “na cidade de Verona” e a temporalidade evidenciada apenas pelo verbo “haver” no passado, os castelos podem ser vistos como elementos que remetem o leitor a uma realidade distante da atualidade. O espaço é reduzido não somente à cidade de Verona, mas também aos castelos das duas famílias. Elementos que remetem a uma determinada temporalidade, ou seja, época medieval em que se era comum às famílias renomadas morar em construções desse tipo.

Parece um tanto óbvio apontar essas características, mas devemos lembrar que a ligação desses elementos por parte do leitor somente ocorre de forma instantânea e coerente a depender dos desenhos e falas oferecidos pelo quadrinista. Como aponta Eisner:

A configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e assim, é preciso que o leitor exerça suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da imagem (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (WILL EISNER, 1999 apud PESSOA, 2008, p 4).

A interpretação de uma HQ passa pelo reconhecimento de imagens e sentidos compartilhados pelas experiências de vida de cada um. Imagens e sentidos que, no momento da leitura, se contrastam e/ou se complementam para um entendimento íntegro do quadrinho, o que garante, portanto, uma recepção diferenciada por parte dos leitores. Cada quadrinho se torna único diante da interpretação particular de cada observador.

A cena do balcão

O primeiro encontro a sós entre Romeu e Julieta – ela no balcão e ele no jardim – é uma cena clássica no imaginário coletivo. Para além do suspense gerado pela audácia de Romeu ao se arriscar, pulando o muro dos inimigos, o drama da cena se deve, principalmente, às juras de amor carregadas de emoção e cumplicidade. Na peça, ao se aproximar da janela de Julieta, Romeu diz em voz baixa:

Romeu - Que luz é essa, que brilha através daquela janela? Vem do leste, e Julieta é o sol! – levanta ó belo sol, e acaba com a lua ciumenta, que já se encontra doente e pálida de dores virginais, porque tu, sua serva, és muito mais bonita que ela. Não aceites ser dela a serva, já que ela é invejosa.”

Julieta - Ai de mim! (...) Ah, Romeu, Romeu! Por que tinhas que ser Romeu? Renega teu pai, rejeita teu nome; e se assim não quiseres, jura então que me tens amor e deixarei de ser uma Capuleto. (...) Romeu, livra-te de teu nome; em troca dele, que não é parte de ti, toma-me inteira para ti.

Romeu - Tomo-te por tua palavra: chama-me de teu amor, e serei assim rebatizado; nunca mais serei Romeu (SHAKESPEARE, 2012. p. 51-52).



Figura 4. texto A – quinto quadrinho.

Na adaptação (Fig. 4), reutilizando o recordatório, a aluna suprime algumas cenas que ocorrem no hipotexto⁴ indo direto à cena do balcão. As falas entre Romeu e Julieta perdem elementos formais ao passo que se aproximam de um caráter mais coloquial. O cenário reproduzido é bastante próximo àquele presente no imaginário do público em geral: Julieta ao balcão e Romeu indo ao seu encontro com o uso de uma escada. Pode-se observar que nesse trecho ocorre a demarcação das casas, ou seja, aquela do lado esquerdo é a dos Capuleto, onde mora Julieta. É importante notar que a aluna apresenta uma cena em um plano aberto e utiliza o recurso de não detalhar os personagens presentes na imagem. Entretanto, o público consegue, por meio da associação entre os elementos verbais e não-verbais, distinguir quem é Julieta e quem é Romeu.

⁴Para Genette o hipotexto é “um texto anterior A”, o que podemos considerar como texto “fonte” (Genette, 1997).



Figura 5 e 6. texto B – quarto e quinto quadros.

Trabalhando com o plano panorâmico nas cores preto e branco o aluno representa o cenário noturno (Fig. 5), mas ao mesmo tempo direciona o foco para os personagens, que estão coloridos. Quanto à fala de Romeu percebemos que é um complemento do recordatório, reforçando a intenção de se aproximar de Julieta. No quadrinho seguinte (Fig. 6), o plano é próximo, mostrando que ele cumpriu a ação de pular o muro, indo até a janela de Julieta. Com certo romantismo e cumplicidade, a fala dos personagens retoma a ideia do amor impossível pelo qual Romeu se propõe a lutar.



Figura 7. texto C – quarto quadrinho.

Na terceira HQ, o aluno apresenta uma mesclagem entre a cena do balcão e o casamento (Fig. 7). As imagens colocadas lado a lado sugerem a ideia de velocidade das ações, reforçando a fala apresentada no recordatório: “e pouco tempo depois (...) eles se casam”. Um fato que chama atenção nesse quadrinho é a ocorrência de uma hibridização de elementos culturais de uma forma bastante evidente. Ao mesmo tempo em que Julieta

mora em um castelo, elemento que percorre o imaginário coletivo quando se fala da Verona Shakespeariana, o casamento é representado com elementos comuns às cerimônias brasileiras, como a fala do padre: “você se aceita como marido e mulher?”, ou mesmo o figurino e a disposição dos noivos na cena. Podemos observar que esses elementos se contrastam e se complementam ao compor um único quadrinho, sem que isso interfira na totalidade da interpretação.

O Casamento

No fim do segundo ato, na cela de Frei Lourenço encontram-se Romeu e Julieta. Frei Lourenço diz: “Venham, venham comigo, e nós vamos tornar a cerimônia mais curta.” (SHAKESPEARE, 2012, p. 78).



Figura 8. texto A – sétimo quadrinho.

Deste modo, vemos que, de pouco destaque no hipotexto, a cena do casamento na HQ (Fig. 8), também recriou a imagem que o público brasileiro tem de um momento como esse. Em um plano americano, com personagens desenhados da cintura para cima, a aluna apresentou os personagens principais da cena: o padre, Romeu e Julieta. Outros elementos também contribuem para essa aproximação com a cultura brasileira, como o vestido branco e a grinalda usados por Julieta; o folheto nas mãos do padre, como quem acabasse de perguntar aos dois se era de suas vontades se casarem; e, por fim, a resposta “sim” do casal em um único balão de fala, representando a cumplicidade e o amor resguardados na cena.



Figura 9. texto B – sétimo quadrinho.

Se no quadrinho acima (Fig. 8) o casamento ganha um quadrinho à parte, nesta HQ (Fig. 9) ele se apresenta de forma suprimida no recordatório, com narrativa curta, similar ao que ocorre no hipotexto. Aqui a imagem enfatiza não o casamento, mas a proposta do Frei de que Julieta tomasse um “veneno” (espécie de sonífero) para não se casar com outro pretendente – o conde Páris, na peça teatral. No enquadramento feito pelo aluno, Julieta é apresentada em *close-up*, demonstrando certa aflição, enquanto o frei lhe mostra o “veneno” com um semblante sereno, como se transmitisse em sua expressão facial a calma e a confiança resguardadas em sua fala.

O Desfecho

A peça teatral é marcada pelo fim trágico, no qual o casal Romeu e Julieta cometem suicídio.

Príncipe: - Melancólica paz nos traz esta manhã. O sol, de luto, não se mostrará. Embora daqui, vão, e conversem mais sobre esses tristes fatos. Alguns serão perdoados, e outros, punidos, pois jamais houve história mais dolorosa que esta de Romeu e Julieta. (SHAKESPEARE, 2012, p.154).

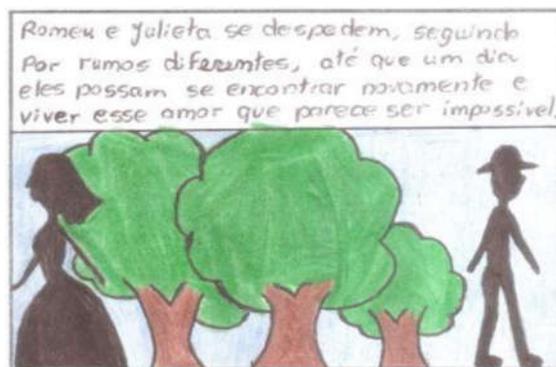


Figura 10. texto A – último quadrinho.

O desfecho desta HQ (Fig. 10) apresenta uma característica cada vez mais comum nos romances modernos. Como aponta Resende (2008) é comum que nas produções contemporâneas não aconteça uma expectativa em relação ao futuro. Mesmo que se pareça intolerável, inaceitável, o fim pode ser justificado pela presentificação da narrativa e pelo conflito que ali se instaura. A aluna coloca os personagens indo a rumos diferentes, porém deixa subentendido no recordatório a possibilidade de eles se reencontrarem no futuro. Nesse último quadro, Julieta e Romeu aparecem apenas como perfis em sombra. O preto pode ser visto como uma cor que representa a dramaticidade da cena, a tristeza, a dor. Ainda podemos destacar o distanciamento do casal ressaltado pela perspectiva. Julieta aparece em primeiro plano, sendo possível ver apenas parte do seu corpo, enquanto que Romeu, ao fundo, é desenhado em corpo inteiro, notando-se claramente que ambos seguem para lados opostos.

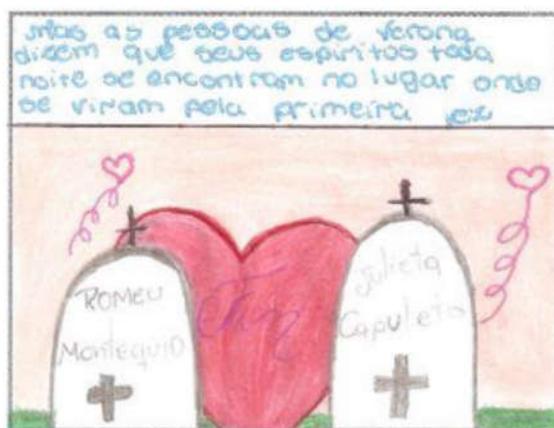


Figura 11. texto B – último quadrinho.

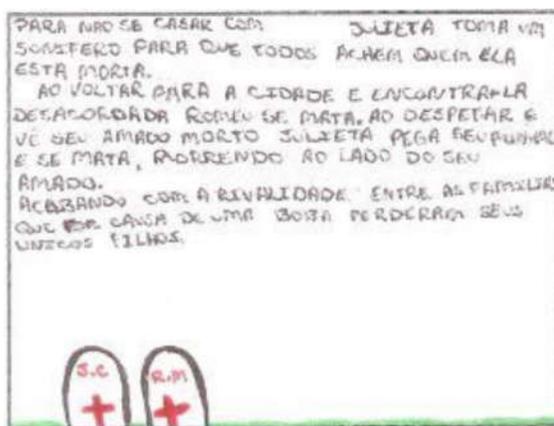


Figura 12. texto C – último quadrinho.

Embora uma das HQs (Fig. 11) apresente no recordatório um desfecho reconfortante, em que diz que os espíritos dos apaixonados ainda aparecem nas noites de Verona, a lápide como os nomes (Fig. 11) e iniciais (Fig.12) de Romeu e Julieta é colocada como elemento referente à morte do casal e, portanto, recorrente ao fim trágico e melancólico da história apresentada na peça teatral.

CONCLUSÃO

Ao longo das oficinas os alunos tiveram a oportunidade de entrar em contato com as peças de Shakespeare, que muitas vezes são tidas como leituras distanciadas do público atendido, seja pelo acesso limitado às bibliotecas ou mesmo pelo fato de as obras serem vistas como de difícil compreensão. Deste modo, os alunos trabalharam suas habilidades de leitura, escrita e criação. Sendo que primeiro ouviam a história e depois faziam a adaptação para os quadrinhos, gênero que associa imagem e escrita em sua composição. Além disso, foi oferecida aos alunos uma breve narrativa de como as HQs se desenvolveram ao longo dos anos, bem como quais são os elementos que as compõem, fator que contribuiu para o desenvolvimento do saber sobre esse gênero.

Ainda que de forma superficial, devido à curta duração das intervenções, a transposição da peça de Shakespeare para uma HQ exigiu minimamente que o aluno compreendesse dois gêneros a serem trabalhados. Primeiro, os personagens, cenário, tempo e narrativa da peça teatral de *Romeu e Julieta*. Segundo, os elementos que compõem uma HQ. Contudo, ao adaptar o clássico percebemos que muitos recursos foram acrescentados de

Figura 9. texto B – sétimo quadrinho.

forma não intencional, ou seja, na construção da HQ personalizada, os alunos utilizaram habilidosamente dos seus conhecimentos prévios, bem como de elementos de suas culturas. Considerando o contexto em que as HQs foram produzidas, as emoções e dramas da peça teatral foram criativamente apropriadas e adaptadas às HQs. Mesmo sem o domínio do termo intermedialidade os alunos trabalharam com duas mídias distintas, mesclando imagem e fala ao criarem suas versões de *Romeu e Julieta*. Ainda podemos dizer que a proximização com o contexto cultural dos tempos atuais ocorreu de forma coerente com a produção da HQ. Mantendo os elementos fundamentais – ou aqueles que eles consideraram relevantes na peça teatral – os alunos inseriram imagens de suas referências de mundo como no caso da cerimônia do casamento (FIG. 08), do castelo em forma de uma casa (FIG. 05), do próprio ritual fúnebre, onde elucidam o enterro dos personagens (FIG. 11 e 12) em vez do depósito em uma cripta etc.

De modo geral, os resultados obtidos com o projeto “Meu Shakespeare” foram satisfatórios, considerando que o objetivo principal que era fazer com que os participantes conseguissem fazer adaptações de textos Shakespearianos para HQs. Algumas produções recolhidas, como observadas nas análises, nos mostram que os alunos atingiram o objetivo com muito mérito.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Ensino Médio.** Linguagens, códigos e suas tecnologias. MEC/SEF, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Cultrix, 1993.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista.** 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsests: Literature in the second degree.** Lincoln: University of Nebraska, 1997.
- HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation.** New York and London: Routledge, 2006.
- JARCEM, René Gomes Rodrigues. **História das histórias em quadrinhos.** Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/06-historia-hq-jarcem.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- MODENESI, Thiago Vasconcellos; PAIVA, Fábio da Silva (Org.). **Quadrinhos e educação em cinco pontos de vista.** Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2013.
- O’SHEA, José Roberto; GUIMARÃES, Daniela Lapoli. “Apenas um nome!”: metamorfoses de Romeu e Julieta. In MALUF, Sheila Diad.; AQUINO, Ricardo Bigi de. (Orgs.). **Olhares sobre textos e encenações.** Maceió: EDUFAL, Salvador: EDUFBA, 2007. p. 129-146.
- PERRET, D. Marion. How comic books interpret Shakespeare. **College Literature**, vol. 31, n. 4. City, p. 91, 2000,

PESSOA, Alberto Ricardo. **Histórias em quadrinhos: um meio intermediático**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC), 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-alberto-historias-em-quadrinhos.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2015.

RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, Intertextualidade e Remediação: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira; (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 24-25; 58-60.

RAMOS Paulo; VERGUEIRO Waldomiro; FIGUEIRA Diego. (Org.). **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008. p. 26-29.

SANDERS, Julie. **Adaptation and appropriation**. New York and London: Routledge, 2006.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

VIEIRA, Valdinei Pedro Sales; VIEIRA, Erika Viviane Costa. Projeto “Meu Shakespeare”: uma intervenção intermediática. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 4, n. 2, p. 111-123, 2016. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 14 jan. 2016

Aceito em: 04 set. 2016.